



O JOGO RACIAL: ANÚNCIOS E DENÚNCIAS DA CRISE NOS CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO, GEOVANI MARTINS E JOSÉ FALERO

Thiago Martins Rodrigues

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar as denúncias e os anúncios que os contos de autoria negro-brasileira contemporânea podem fazer a respeito da atual crise do capitalismo. Para tanto, foram selecionados os contos “Ana Davenga”, de Conceição Evaristo (2016), “Espiral”, de Geovani Martins (2018) e “Dignidade-relâmpago”, de José Falero (2019). Com o intuito de engendrar uma leitura crítica, observa-se como as trajetórias formativas e as experiências de publicação da autora e dos autores contribuem para o ponto de vista que constroem em seus escritos. Por fim, a análise literária evidencia a denúncia do acirramento da violência racial no Brasil, que pode ser lido à luz do golpe jurídico-parlamentar de 2016, e o anúncio de uma viva contestação a esse quadro, dada a impossibilidade de integração social.

Palavras-chave: Conto negro-brasileiro; Racismo estrutural; Crise.

RESUMEN

El presente artículo tiene como objetivo analizar las denuncias y los anuncios que los cuentos de autoría afrodescendiente contemporánea pueden hacer a respecto de la actual crisis del capitalismo. Para eso, se seleccionaron los cuentos “Ana Davenga”, de Conceição Evaristo (2016), “Espiral”, de Geovani Martins (2018) y “Dignidade-relâmpago”, de José Falero (2019). Con la intención de suscitar una lectura crítica, se observa cómo las trayectorias formativas y las experiencias de publicación de la autora y de los autores contribuyen para el punto de vista que construyen en sus escritos. Por fin, el análisis literario evidencia la denuncia de la intensificación de la violencia racial en Brasil, que se puede leer a la luz del golpe jurídico parlamentario de 2016, y el anuncio de una viva contestación a ese cuadro, dada la imposibilidad de integración social.

Palabras clave: Cuento afrobrasileño; Racismo estructural; Crisis.

Thiago Martins Rodrigues é licenciando em Letras, com habilitação em Português, Espanhol e suas respectivas literaturas, pela UFRGS.

E-mail: thiago-rodrigues27@hotmail.com



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A hipótese deste artigo é a de que os contos “Ana Davenga”, de Conceição Evaristo (2016), “Espiral”, de Geovani Martins (2018), e “Dignidade-relâmpago”, de José Falero (2019), apresentam uma perspectiva acerca da impossibilidade de integração social no estágio atual do sistema capitalista. O objetivo aqui é analisar as nuances deste ponto de vista e vislumbrar as denúncias e os anúncios que esses contos de autoria negro-brasileira contemporânea podem fazer a respeito da presente crise do capitalismo. A seleção dos três textos que compõem o *corpus* deveu-se à compreensão de que as suas composições respondem, no interior da forma estética, à marcha do acirramento da violência e ao agravamento das desigualdades raciais e sociais no Brasil, a contar do golpe jurídico-parlamentar de 2016.

A categoria de raça constitui-se, nesse cenário, como um aspecto determinante para a produção de um imaginário social que racializa e predispõe lugares de subalternidade e de constante exposição à morte para os corpos negros. Tal problema é abordado no escopo deste estudo, sobremaneira, a partir das noções de “racismo estrutural”, de Silvio Almeida (2018), e de “antinegitude”, de João Costa Vargas (2017). Em comum entre ambas está o entendimento de que raça e racismo não são categorias isoladas, que, por ventura, sobrepõem-se a outras, mas estão implicadas nos processos políticos, econômicos, históricos e sociais. Assim, somente mudanças estruturais possibilitam a reversão do quadro.

Os contextos de crise no sistema capitalista agudizam os conflitos sociais e colocam a população negra no centro de uma política que naturaliza as desigualdades e se orienta para a eliminação dos corpos das minorias sociais. No Brasil, essa crise se intensifica grandemente após o golpe jurídico-parlamentar de 2016, que significou também o recrudescimento da matriz

ideológica antinegra que estrutura o projeto de nação brasileiro. Perspectivas de integração social já não aparecem mais no horizonte, uma vez que a tensão entre e em todos os segmentos da sociedade torna-se uma constante. Ou seja, a lógica que pauta as relações sociais é a da violência, seja civil ou estatal.

Segundo minha percepção, Conceição Evaristo, Geovani Martins e José Falero fazem denúncias e anúncios em seus contos a respeito desse cenário em uma prosa de qualidade que lhes é peculiar. Por isso, o conceito de “polaridades” de Cuti (2010) faz a amarração dessa busca, já que propõe que a análise da forma e dos recursos literários empregados é capaz de tensionar e de desvendar a constituição do racismo. Essa dimensão é intensificada pelas distintas trajetórias dos autores e da autora: pertencentes a duas regiões do país, sul e sudeste, escrevem com diferentes trajetórias e meios de publicações. Tais aspectos constroem uma moldura produtiva para que se pense a respeito do estatuto da literatura negro-brasileira contemporânea, principalmente se analisada de uma perspectiva crítica. O fato de os autores estarem em posições distintas no jogo das publicações literárias indica o quanto o racismo estrutural perpassa as experiências da autoria negro-brasileira.

A análise dos contos é, então, perpassada pelas condições materiais que os produziram. Para uma apreciação mais detida, destaco o desfecho de cada um dos contos. Acredito que nesses momentos os autores propõem sínteses para os conflitos que se propuseram a construir narrativamente. O desenlace, no entanto, nem sempre é o esperado ou apresenta uma resolução, o que é produtivo para o exame crítico. O olhar analítico é embasado nas reflexões de Walter Benjamin (2012) em “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” e no desdobramento que Antônio



Sanseverino (2015) propõe para a leitura do conto moderno.

Assim, o artigo está organizado em outras quatro seções, além desta introdução. Na primeira, explicito os conceitos de raça, racismo e crise que mobilizo para explorar o contexto atual. Na segunda, trato das trajetórias da autora e dos autores, tensionando suas proximidades e seus afastamentos. Na terceira, analiso os desfechos de cada um dos contos à luz do que se discute nas seções anteriores. Por fim, exprimo nas considerações finais quais são, a meu ver, as denúncias e os anúncios que fazem os contos de Conceição Evaristo, de Geovani Martins e de José Falero. Este estudo espera contribuir para uma reflexão crítica sobre a literatura negro-brasileira, vista em seu engajamento na oposição ao racismo estrutural brasileiro.

1 ANALISANDO AS POLARIDADES: RAÇA, RACISMO E CRISE

A assunção do conceito de raça como categoria analítica para compreender o processo social brasileiro é relativamente nova no campo sociológico, datada do final do decênio de 1970. Esse movimento de retomada ocorre depois de décadas de uma produção intelectual sustentada pelo mito da democracia racial e, por isso, empenhada em comprovar a inexistência de raças no Brasil. Uma vez rechaçada por completo a ideia de que haveria raças biológicas, a explicação para a distinção entre negros e brancos foi alçada ao campo da cultura e a identificação começou a ser determinada pela cor da pele. Tal compreensão se antagonizava com a discriminação racial evidente no contexto brasileiro (GUIMARÃES, 1999). Diante disso, o Movimento Negro organizado dedicou-se, desde os anos 1980, a reconstruir uma identidade forjada a partir do conteúdo político que o conceito de raça detém (MUNANGA, 2006). Como escreve o professor Kabengele Munanga (2006, p. 52), “[...] o

conteúdo da raça é social e político. Se para o biólogo molecular ou geneticista humano a raça não existe, ela existe na cabeça dos racistas e de suas vítimas”.

Isso posto, assumo a raça como um conceito social e político, bem como histórico e relacional, compreensão essa defendida por Silvio Almeida em *O que é racismo estrutural?* (2018, p. 19, grifos do autor):

Raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da *raça* sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito *relacional* e *histórico*. Assim, a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas.

Ao assumir esse ponto de vista, o autor também encaminha, em consequência, o seu entendimento sobre o fenômeno do racismo, visto como “um processo em que condições de subalternidade e de privilégios que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas” (ALMEIDA, 2018, p. 27). Já que racismo e ordem social mantêm relação intrínseca, as circunstâncias de crise tendem a acirrar as desigualdades sociais e raciais. Recentemente, em 2016, assistiu-se a um golpe jurídico-parlamentar no Brasil que depôs a primeira presidenta da história do país e colocou a crise do capitalismo em um outro patamar.

Para Leonardo Valente (2018), o processo de *impeachment* foi parte do que se pode compreender como “neogolpe”, que, “[...] em substituição aos golpes clássicos, levados a cabo com êxito pela última vez nos anos 1960 e 1970, [tem como objetivo] [...] derrubar governos progressistas e restaurar forças políticas conservadoras, por vias não eleitorais, no comando dos Poderes Executivos” (VALENTE, 2018, p. 61) dos países latino-



americanos. Ainda segundo o autor, a insatisfação da elite é um dos fatores determinantes:

Se o processo violento e abrupto se tornou obsoleto e ineficaz frente às democracias contemporâneas, é fato também que essas mesmas elites insatisfeitas procuraram e ainda procuram instrumentos mais sofisticados e adequados à nova realidade para chegarem a esse fim (VALENTE, 2018, p. 66).

A conjuntura do golpe escancarou diante do grande público, com transmissão em rede nacional e com participação da mídia, a “antinegitude” que constitui a “matriz ideológica e prática” da formação brasileira (VARGAS, 2017, p. 84). João Hélio Vargas (2017) remete às imagens da transmissão da votação que deu segmento ao processo de *impedimento* de Dilma Rousseff:

Mas o mundo da Câmara dos Deputados — cristão-fascista, heteropatriarcal, violento, corrupto, imerso numa antinegitude que atura, deseja e celebra a ordem militar despótica, e que não se importam de conviver com umas poucas pessoas negras, desde que politicamente irrisórias ou simples serviçais — *esse mundo não tem nada a ver com o mundo da maioria negra*. Pois o mundo da maioria, o mundo das pessoas negras, definido principalmente pela despossessão, pela violência gratuita e pela morte prematura evitável acontece numa órbita ignorada pelo mundo dos deputados e da estrutura política e de sociabilidade que os produz. Aqui reside a significância maior daquelas cenas da votação do impeachment (VARGAS, 2017, p. 84, grifos do autor).

Nesse sentido, vê-se que a igualdade formal, prevista na Constituição, não se faz efetiva e coloca a população negra à margem da cidadania e da humanidade. Assim, em uma crise econômica, social e política que se agrava desde então, o racismo assume caráter de

normalidade e os conflitos são agudizados (ALMEIDA, 2018, p. 156):

As crises revelam-se, portanto, como a incapacidade do sistema capitalista em determinados momentos da história de promover a integração social por meio das regras sociais vigentes. Em outras palavras, o modo de regulação, constituído por normas jurídicas, valores, mecanismos de conciliação e integração institucionais entra em conflito com o regime de acumulação [...]. Não se torna mais possível convencer as pessoas de que viver debaixo de certas regras é normal e a violência estatal passa a ser recorrente como meio de controle social.

Diante disso, Evaristo, Geovani e Falero estão produzindo a partir de posições diferentes, sejam geográficas, geracionais ou editoriais. Seus contos não fazem referência direta ao período histórico que recompus aqui, mas podem dar notícias, segundo minha leitura, do ponto de vista daquelas e daqueles que são os antagonistas na conjuntura. O que torna o jogo interessante, no que tange ao exercício crítico, é o fato de que as respostas não estão em um primeiro plano, tampouco são simples. Os contos apresentam as contradições, com qualidade estética, e não se propõem a resolvê-las internamente em sua forma.

O esforço desta análise está em observar como os recursos narrativos dialogam com o transcurso da sociedade e evidenciam os conflitos nesse cenário. Como base para essa compreensão está o conceito de “polaridades”, de Cuti, em *Literatura Negro-brasileira* (2010, p. 109):

A despeito da hipocrisia racial que permeia os meios de comunicação de massa e a produção intelectual do Brasil, a literatura negro-brasileira vem exercitando, cada vez mais, o campo das polaridades que põem a nu o preconceito, desde sua conotação mais sutil até a mais agressiva. Na desconstrução de estereótipos, as dicotomias e suas ilusões constituem a chave a ser girada na fechadura



do desvendamento. Os recursos da linguagem literária [...] descrições, ponto de vista narrativo, suspense etc. - na prosa) são eficazes para desvendar o *modus operandi* do racismo à brasileira. As polaridades têm sido recursos empregados na literatura negro-brasileira para detectar os meandros camaleônicos da sociedade no quesito raça. Nas relações senhor x escravizado, branco x negro, rico x pobre, o escritor encontra material amplo de trabalho para desconstruir estereótipos e promover o diálogo, mesmo que este seja áspero.

Enfatizo no argumento de Cuti (2010) o destaque dado para a forma, nesse caso do conto, já que carrega, desde o princípio, uma observação criteriosa dos caracteres do processo social que emergem em determinados recursos literários e escolhas formais.

2 DISPUTANDO O JOGO DA PALAVRA: OS PERCURSOS DE EVARISTO, GEOVANI E FALERO

A aproximação dos contos de Conceição Evaristo, Geovani Martins e José Falero solicita algumas notas para que seja criticamente produtiva. Tratam-se de uma autora e de dois autores pertencentes a gerações distintas, com diferentes experiências de publicação e localizados em duas regiões do país, sul e sudeste. Considerar essas dimensões não significa adotar as condições de produção como único dado de análise, mas sim reconhecer suas implicações em como as obras são lidas pela crítica literária e pelos leitores em geral. Ao tratar o que conceitua como “literatura periférica”, Rejane Pivetta de Oliveira (2011) enuncia um argumento que acredito ser apropriado para sustentar essa discussão:

Essa literatura não fornece apenas um repertório de técnicas literárias, mas transforma-se em uma ferramenta para a organização da vida individual e coletiva, uma “estratégia de ação”, ultrapassando a

concepção estabelecida de literatura como bem espiritual, fonte de “ilustração” e prazer desinteressado. Assim, trata-se de uma produção com repercussões não apenas do ponto de vista estético, pois a literatura é tomada também como um modo de habitar a periferia, o que certamente acrescenta novas perspectivas no campo das investigações literárias (OLIVEIRA, 2011, p. 35).

É nesses termos que observo o percurso de Conceição Evaristo (1946). A autora mineira nasceu em Belo Horizonte/MG e nos anos 1970 radicou-se no Rio de Janeiro/RJ. Na cidade, atuou como professora, bem como realizou seus estudos de pós-graduação. Evaristo é doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense desde 2011. Sua produção literária esteve sempre aliada à militância junto ao Movimento Negro organizado. Nos anos 1990, integrou o Grupo Quilombhoje, coletivo cultural responsável pela organização e pela edição dos *Cadernos Negros*. A partir daí, Evaristo começou a disseminar seus contos e seus poemas. O conto “Ana Davenga”, pertencente ao *corpus* deste trabalho, foi publicado pela primeira vez em 1995 nos *Cadernos*.

A estreia de Conceição Evaristo em um livro individual ocorre somente em 2003, com o romance *Ponciá Vicêncio*, lançado pela Mazza Edições. Depois disso, a cada publicação, a autora consolidou seu lugar como uma das grandes autoras da literatura brasileira contemporânea. A coletânea de contos *Olhos d'água* chega ao público em 2014, pela editora Pallas e pela Fundação Biblioteca Nacional, apresentando aos leitores, em quinze contos, uma prosa que oscila, com uma profunda consciência estética, entre o poético e a aspereza que envolve a existência dos sujeitos negros na sociedade brasileira. No prefácio ao livro, Heloísa Toller Gomes (2016, p. 10) sintetiza: “os contos, assim, equilibram-se entre a afirmação e a negação, entre a denúncia e a



celebração da vida, entre o nascimento e a morte [...]”.

Ao longo de sua carreira na literatura, a escritora mineira teve que contar com as chamadas “editoras de nicho”, como a Mazza, a Nandyala, a Pallas e a Malê. Essas editoras estão “[...] voltadas para produtores de literatura afro-brasileira e leitores que desejam ter acesso a obras que abordem e valorizem aspectos da cultura afro-brasileira” (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2016, p. 103). Casas editoriais dessa natureza são denominadas por Luiz Henrique de Oliveira e Fabiane Rodrigues (2016) como “quilombos editoriais”, que se caracterizam como:

[...] Iniciativas organizadas com a finalidade de discutir, produzir e fazer circular obras pautadas em uma estética afro-brasileira, ao mesmo tempo que resistem à configuração dos catálogos etnocêntricos que compõem o mercado editorial brasileiro (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2016, p. 103).

O porto-alegrense José Falero também teve a experiência de publicar por uma editora independente. *Vila Sapo* (2019) foi lançado pela editora mineira *Venas Abiertas*. Como uma editora que se coloca como popular, a *Venas Abiertas* tem um trabalho, bastante recente, voltado para a publicação de autores e autoras colocados à margem do sistema literário. Sua base para financiamentos conta com diferentes iniciativas, como financiamentos coletivos, parcerias e autopublicação¹. É relevante o dado de que um selo editorial com tal perfil seja a casa de um escritor como Falero. Nascido e criado na Lomba do Pinheiro, periferia de Porto Alegre, o autor surge na cena literária, com seu primeiro livro, fazendo anúncios significativos sobre a produção, a qualidade e as potencialidades da autoria negro-periférica contemporânea que não se encontram nos

grandes centros brasileiros. Nessa perspectiva é que Carlos Augusto Bonifácio Leite (2020, online) o qualifica como “grande literatura”:

Vila Sapo, de José Falero, é antes de tudo, grande literatura! Contos fluidos que levam o leitor adiante, linguagem eletrizada combinando termos particulares do universo narrado e formato exigente, histórias que não demonstram qualquer ilusão quanto ao estado de coisas e escolhas que não fazem com que a forma resolva ou sublime o mundo – alguns enredos terminam sem que saibamos de resoluções importantes, como na vida. Enfim, é daqueles achados que o leitor procura, procura e se extasia quando acha.

Enquanto Evaristo e Falero encontraram nas editoras independentes um caminho para difundir suas literaturas, o carioca Geovani Martins teve outro caminho. Sua coletânea de contos *O sol na cabeça* (2018) chega pela Companhia das Letras, uma das maiores casas editoriais do país, envolto de agitação. Com isso, cabe tensionar o alcance imediato que a obra atinge e o público leitor que a recebe. Afinal, em que a publicação de um autor negro e periférico por uma grande editora problematiza a constituição dos catálogos e do próprio cânone branco brasileiro? Perguntas como essa se remetem a outro momento. Em 1997, Paulo Lins apresenta seu *Cidade de Deus*, pela mesma editora, com grande alvoroço. Recebido como um best-seller, o romance teve sua principal repercussão no meio acadêmico e parece ter garantido um lugar nas grandes casas editoriais. Esse lugar, a meu ver, renova-se de tempos em tempos, sem que necessariamente se interrogue a constituição de todo o jogo.

O sol na cabeça, no entanto, dá um passo adiante. Geovani está fora dos bancos

¹ Dados disponíveis no site da própria editora: <https://www.venasabiertas.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 10 jun. 2020.



universitários. O autor nascido em Bangu, zona oeste do Rio de Janeiro, circulou por outras localidades da cidade até chegar ao Morro do Vidigal. Nesse percurso, Geovani construiu sua experiência, que se tornou matéria para uma literatura de excelência. Os narradores dos contos se apresentam em sua complexidade diante dos conflitos cotidianos das favelas do Rio e dão às narrativas um ritmo que é todo próprio e quase sempre inesperado.

Em suma, Evaristo, Falero e Geovani fazem parte do que temos de maior qualidade na literatura brasileira contemporânea. Conceição Evaristo, já aos 74 anos de idade, carrega consigo uma trajetória de militância que ainda diz muito, principalmente ao movimento de mulheres negras. José Falero e Geovani Martins surgem como novidades a serem suficientemente lidas e consolidadas pela crítica literária. Falero ainda mais que Geovani, pelas razões que expus aqui. Fato é que ambos os autores e a autora estão, segundo minha percepção, indicando a impossibilidade de integração social no estágio atual do sistema capitalista. O jogo social é complexo e isso é incorporado à forma estética dos contos. Essa leitura em perspectiva não pode, contudo, ser inviabilizada por argumentos que ressaltem as distintas trajetórias como empecilhos, quando elas, na verdade, enriquecem o debate. O que uma mulher negra com um largo itinerário como escritora e como militante, um homem negro e morador da periferia do Rio de Janeiro que publica por uma grande editora e outro homem negro e morador de periferia, só que de Porto Alegre, cidade fora do eixo em que se concentram as publicações do país, estão dizendo? A resposta, segundo minha percepção, está nesse conjunto de elementos.

3 DISPUTANDO O JOGO RACIAL: DENÚNCIAS E ANÚNCIOS NOS CONTOS DE EVARISTO, GEOVANI E FALERO

Em “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, Walter Benjamin (2012, p. 213) alerta que a humanidade perdeu a arte de narrar em decorrência da alienação da “faculdade de intercambiar experiências”. O advento da modernidade e, com ela, da informação, produziu um afastamento dos indivíduos das suas tradições comunitárias:

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio artesão — no campo, no mar e na cidade —, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada, como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, imprime-se na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 2012, p. 221).

Entre as formas que emergem desse processo social estão o romance e a *short story*, nascidos em relação direta com a cultura escrita. Ambos assumem o lugar da narrativa, caracterizados não mais pela coletividade, mas pelo isolamento do indivíduo na cidade moderna. No cenário deste artigo, interessa-me mais especificamente a *short story*, que, segundo Benjamin (2012), teria se emancipado da tradição oral.

Essa emancipação, no entanto, não se dá totalmente. No argumento de Antônio Sanseverino (2015), o conto moderno estrutura-se a partir de uma confluência de dimensões da modernidade e da tradição. Segundo o autor,

Isso ocorre porque o desligamento do compromisso ético, filosófico ou religioso, fez com que a prosa literária transformasse em ficção qualquer prática discursiva. Era possível contar uma história por carta, crônica histórica, por página de diário, por manuscrito medieval, por diálogo, por conferência, por sermão, etc. Assim, esses modelos internacionais trazem em si o



conflito entre modernidade e tradição e, nas fissuras abertas por esse conflito, o conto passa a ser esse espaço ficcional em que essas diversas práticas perdem a consequência prática e são vistas com distanciamento. Em outros termos, a *forma social* não está apenas em uma *voz local*, mas na articulação de práticas discursivas socialmente postas que servem de nódulo de articulação entre tradição e modernidade. Essa tensão pode estar na voz do narrador, no próprio enredo, no personagem ou numa imagem (SANSEVERINO, 2015, p. 175-176, grifos do autor).

Interessa dessa posição do autor analisar a tensão que se apresenta na composição narrativa dos contos. Para tanto, recorto o desfecho de cada uma das narrativas selecionadas. Afinal, há que se observar a latência da figura do narrador e como ele articula as questões relacionadas à memória e, ao mesmo tempo, à presença da criação moderna que está atenta aos detalhes, às descrições etc.

Em “Ana Davenga”, conhecemos a protagonista Ana e seu amante Davenga. O conflito do conto centra-se na história de amor entre eles, permeada por crimes e prantos. Ana e Davenga conheceram-se em uma roda de samba e o arrebatamento foi imediato. Davenga estava mesmo em busca de uma mulher que quisesse “ser dele na vida dele” (EVARISTO, 2016, p. 26), que lhe oferecesse pouso certo. Daquele momento em diante, o encontro entre as suas vidas não se desfez mais. Como marca da união, Ana decidiu incorporar o nome de seu homem e passou a se chamar Ana Davenga. A partir daí, a vida de Ana tornou-se esperar pelo retorno de seu cúmplice, que chefiava um grupo de assaltantes. Vale ressaltar que não há por parte do narrador em terceira pessoa nenhum tipo de juízo de valor a respeito das atividades de Davenga. O leitor só fica sabendo na parte final do conto que o ponto de vista narrativo acompanha Ana no dia de seu aniversário, quando Davenga decide fazer-lhe

uma surpresa, e traz à tona cenas de vivências que contribuem para compor aquele momento alegre e, ao mesmo tempo, permeado por angústia. Ana estava grávida e apreensiva pela vida de Davenga. Parecia antever o momento derradeiro:

Já estavam para explodir um no outro, quando a porta abriu violentamente e dois policiais entraram de armas em punho. Mandaram que Davenga se vestisse rápido e não bancasse o engraçadinho, porque o barraco estava cercado. Outro policial do lado de fora empurrou a janela de madeira. Uma metralhadora apontou para dentro de casa, bem na direção da cama, na mira de Ana Davenga. *Ela se encolheu levando a mão na barriga, protegendo o filho, pequena semente, quase sonho.*

Davenga vestiu a calça lentamente. Ele sabia estar vencido. *E agora o que valia a vida? O que valia a morte? Ir para a prisão, nunca!* A arma estava ali, de baixo da camisa que ele ia pegar agora. Poderia pegar as duas juntas. *Sabia que este gesto significaria a morte.* Se Ana sobrevivesse à guerra, quem sabe teria outro destino?

De cabeça baixa, sem encarar os dois policiais a sua frente, Davenga pegou a camisa e desse gesto se ouviram muitos tiros (EVARISTO, 2016, p. 30, grifos meus).

Na cena, Ana Davenga e seu homem são surpreendidos pela polícia. A narração privilegia os gestos e os movimentos de cada personagem, que remete a um narrador que articula as mãos, os olhos e a entonação para narrar uma experiência. O gesto de Ana, de imediatamente proteger a barriga, é indicativo desse aspecto. Ana Davenga parece crer que seus braços poderiam resistir às balas das metralhadoras dos policiais, em um movimento instintivo. Toda a angústia da protagonista, que estruturou o conto por meio de suas digressões, finalmente justifica-se. Ela tinha ciência do que significa gerar mais um corpo negro. Por isso, o filho de Ana e de Davenga torna-se um sonho. Um sonho de uma vida que



não poderá ser realizada e que será impedida pelo próprio Estado racista. Esse é um tema recorrente e muito caro a Conceição Evaristo. A maternidade negra e os seus sentidos subjetivos e objetivos faz parte do escopo de reflexão da autora mineira.

O quadro é todo carregado da subjetividade dos personagens, permeada por sentidos políticos. Está enunciado um conflito que não permite mais conciliação. Quando Davenga prefere ser morto a ir para a prisão, explicita que os códigos sociais não são mais capazes de arregimentar qualquer tipo de ordem. As desigualdades e o racismo, no limite, igualam a prisão à morte, porque não há processo que pareça reverter esse quadro. Ao fim, o episódio de Ana e Davenga é encerrado com distanciamento e a narrativa do casal torna-se uma lembrança. Quando o acontecimento foi retratado pela imprensa, a ênfase recaiu sobre o policial morto. Ana, Davenga e a semente do amor dos dois foram esquecidos. Aqueles corpos foram destituídos de memória. Coube aos comandados de Davenga lamentar:

Os noticiários depois lamentavam a morte de um dos policiais de serviço. Na favela, os companheiros de Davenga choravam a morte do chefe e de Ana, que morrera ali na cama, metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga (EVARISTO, 2016, p. 30).

“Dignidade-relâmpago”, de José Falero, também apresenta cenas em que o confronto com a polícia desencadeia um processo de ruptura. O conto é narrado em primeira pessoa e começa com um diálogo entre dois amigos. Eles têm consigo somente uma arma descarregada e a vontade de dar um “rolê” por Porto Alegre. A dupla vestiu a sua melhor roupa e partiu para “as rua tranquila do Petrópolis” (FALERO, 2019, p. 55). No bairro de “calçada limpa” e “prédio alto” (FALERO, 2019, p. 56), os comparsas veem “uma se matando pra estacionar o CrossFox na sombrinha” (FALERO, 2019, p. 56) e a abordam. Levam a mulher

assustada consigo para um rolê. É importante notar que em nenhum momento termos como “assalto”, “sequestro” ou “crime” aparecem para descrever a ação das personagens.

O encontro com uma “brigadiana”, uma policial militar, em um posto de gasolina, foi decisivo e desencadeou uma perseguição acompanhada de uma saraivada de tiros da polícia. Depois de abandonar o carro, a dupla decidiu entrar pelos becos de uma comunidade, território que conheciam, ainda abaixo de tiros, e buscar um esconderijo. O narrador-personagem encontra abrigo embaixo de uma casa de madeira:

Eu precisava ficar ali até a poeira baixar. Eu não podia fazer barulho. Eu não podia fazer nada. Eu só podia pensar, naquela escuridão, no meio daquele fedorão todo. E eu fiquei pensando nessa viagem mesmo, nessa viagem de eu ali, feito um bicho. O que que tem no mundo, que faz as pessoa se tratar feito bicho? Agora era a minha vez: os porco tavam me caçando, feito bicho. E eu tava ali embaixo naquela casa, feito bicho. O que tem no mundo, que as pessoas se trata que nem bicho? (FALERO, 2019, p. 75-76, grifos meus).

A repetição de “eu” no início da cena dá o tom da inquietação que gera a “viagem” do narrador. Depois de uma perseguição narrada com rapidez, parece haver uma dilatação temporal. Não se sabe exatamente quanto tempo se passou porque somos colocados diante de uma reflexão que nasce diante da urgência e que tensiona o processo social como um todo. Em um momento de quebra do ritmo narrativo, a desigualdade irrompe como princípio explicativo do conflito que se desenvolveu ao longo da narrativa. E o narrador chega a essa perspectiva ao ver-se em uma situação ainda mais degradante do que aquelas que ele vivencia cotidianamente e de que tentou escapar por pelo menos algumas horas durante o “rolê”. Quando finalmente consegue sair, o narrador-personagem faz um anúncio:



Só saí de baixo daquela baía no meio da madrugada, horas depois de ter me enfiado ali [...] Agradei pra Deus por ter me livrado da cana e da morte, mais uma vez. *E fiz uma promessa pra eu mesmo: na próxima vez, eu ia levar bala no ferro, que era pra poder revidar. E daí nós ia ver quem é que ia matar quem!* (FALERO, 2019, p. 76, grifos meus).

Novamente, o confronto é impossível de ser mediado. A morte está no cenário como condição certa de um processo social em que as vidas são administradas por um princípio de exclusão. A vontade de revidar aparece como a formação de uma consciência, a duras penas. Quais são as suas consequências? A narração não tem a pretensão de resolver o impasse.

Em “Espiral”, de Geovani Martins, encontramos mais elementos para pensar essa dinâmica de processo social travado e de acirramento das tensões. Assim como no conto de Falero, o texto tem um narrador em primeira pessoa que faz uma reflexão amadurecida sobre um determinado episódio de sua infância. O conflito tem início quando o narrador-personagem encontra-se dividindo o ponto de ônibus com uma “velha” que se sentia ameaçada pela presença daquele corpo indesejado. Aquele que representava a ameaça decidiu, então, entrar no jogo e começou a perseguir a sua suposta vítima. Daquele momento em diante algo mudou no cotidiano do personagem: “com o passar do tempo essa obsessão foi ganhando forma de pesquisa, estudo sobre as relações humanas. Passei então a ser tanto cobaia quanto realizador de uma experiência” (MARTINS, 2018, p. 19). A narrativa também assume outro tom, passa a acompanhar essa oscilação entre a cobaia e o realizador da experiência, assumindo um registro que quer ser um relato de pesquisa, permeado pela tensão envolvida na situação.

Nesse ímpeto, era preciso concentrar-se em um único indivíduo para que se pudessem obter os resultados esperados da investigação. O escolhido da vez foi Mário. Seguindo-o do

trabalho até em casa, o narrador relata e tece análises a respeito do comportamento de seu objeto, observa o comportamento, a família, a rotina, até que Mário se dá conta:

Foram dias complicados pra ambas as partes, eu sentia que dava um passo definitivo, só não tinha certeza de onde me levaria esse caminho. *Até que entramos na jogada final.* Comecei a segui-lo, como das outras vezes, num lugar próximo a sua casa. Mas dessa vez ele não fez questão de me despistar, pelo contrário, pegou o caminho mais rápido até o apartamento. Suava pelas ruas, a *cara vermelha*. Também eu *tremia* diante das possibilidades de desfecho (MARTINS, 2018, p. 21, grifos meus).

O narrador leva o leitor a também conjecturar sobre as possibilidades de desfecho. No entanto, já se pode vislumbrar que será, invariavelmente, pelo confronto. Também é interessante notar no trecho a racialização do branco quando Mário é descrito com sua “cara vermelha”. Sutilmente o narrador marca o componente racial do jogo, algo que estava subjacente até o momento na narrativa. Esse é, aliás, um traço interessante dos contos de Geovani. As marcações raciais aparecem sempre estrategicamente colocadas. Chega-se então ao desfecho:

Ele entrou no prédio, cumprimentou o porteiro feito máquina, subiu. Apenas uma janela. Era o que se mostrava do apartamento no meu campo de visão. *Fiquei mirando fixamente aquele ponto, sem me esconder dessa vez; se eu o visse, também ele me veria.* Alguns minutos depois apareceu Mário, *completamente transtornado*, segurava uma *pistola automática*. *Sorri pra ele, percebendo naquele momento que, se quisesse continuar jogando esse jogo, precisaria também de uma arma de fogo* (MARTINS, 2018, p. 21-22, grifos meus).

O corpo aparece, mais uma vez, como latente na narração: o sorriso do narrador para Mário é um gesto que carrega uma dimensão



conflitiva: remete à infância daquela criança que de repente viu-se obcecada por entender a razão pela qual sua existência significava uma ameaça. Ao mesmo tempo, o sorriso é o indicativo de uma conclusão que é dura e irrevogável. Mário encarna a impossibilidade de conciliação conservadora, que, por isso, prevê a aniquilação dos outros corpos vistos ameaçadores segundo o imaginário social racista. O narrador, por sua vez, encontra a resposta que esperava e ela não é paralisante, ao que parece. Novamente, a narrativa não pretende resolver o conflito. A meu ver, o leitor é impelido a tomar uma posição dentro do jogo. Nesse sentido, há uma lembrança revestida de traços de radicalidade que lidam diretamente com as memórias coletivas a respeito do processo social racista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise que propus compreende que Conceição Evaristo, Geovani Martins e José Falero levam o conflito social às últimas consequências em seus contos. A autora e os dois autores estão, por isso, em uma dupla disputa: no que tange aos seus percursos, disputam a possibilidade de garantir a sua própria palavra, e, no que tange ao jogo racial, respondem ao acirramento da violência e do racismo. Com diferentes oportunidades de publicação e pertencentes a gerações e localidades distintas, tem-se um espectro produtivo para pensar o quadro da literatura brasileira contemporânea e as suas possibilidades. Evaristo, Martins e Falero mostram que esse jogo é complexo. A partir disso, justifica-se a observação das experiências de cada um a fim de entender como as suas obras podem responder ao contexto de crise.

Por isso, há que se considerar as vozes desses autores com a justeza que lhes cabe. As relações entre os textos refletem o que significa ser um autor negro na contemporaneidade

brasileira e como esses autores expressam, desde seus pontos de vista, um quadro de intensificação da violência racista. Os contos foram publicados, nas suas respectivas coletâneas, de 2016 para cá. Esse é um momento em que a crise econômica se agudiza e o golpe jurídico-parlamentar sacramenta a impossibilidade de integração que parecia estar no horizonte. O racismo normaliza-se e agudiza os conflitos. A convivência social fica subsumida à violência, uma vez que o Estado já não consegue mais criar o mínimo de agregação. Essa condição descortina, de uma vez por todas, o paradigma antinegro que estrutura historicamente o projeto nacional brasileiro.

Frente a isso, os contos denunciam o recrudescimento da violência civil e, principalmente, estatal. A força policial e as armas de fogo aparecem como ferramentas primordiais dessa ordem. Os corpos negros estão na mira e expostos à morte. As narrativas também dão conta de evidenciar um processo de conscientização por parte dos alvos, uma vez que nos três contos há uma reflexão sobre a impossibilidade de resolução sem que haja confronto. A meu ver, está anunciado um paradigma de resistência. Tal paradigma é, invariavelmente, coletivo, se observarmos os lugares de onde falam seus autores. Do Rio de Janeiro, de Porto Alegre, por uma grande editora, por editoras independentes, a autoria negro-periférica contemporânea delinea uma aguda contestação ao racismo estrutural.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **O que é Racismo Estrutural?** Belo Horizonte: Letramentos, 2018.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.



CUTI, Luiz Silva. **Literatura Negro-Brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FALERO José. **Vila Sapo**. Porto Alegre: Editora Venas Abiertas, 2019.

GOMES, Helena Toller. Prefácio. In: EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016, p. 9-11.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Raça e os estudos de relações raciais no Brasil. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 54, p. 147-156, 1999. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/wp-content/uploads/2018/11/GUIMARAES-Ra%C3%A7a-e-os-estudos-de-rela%C3%A7%C3%B5es-raciais-no-Brasil.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2020.

LEITE, Carlos Augusto B. *Vila Sapo*, de José Falero. **Parêntese**, Porto Alegre, 20 de mar. de 2020. Disponível em: <https://matinal.news/guto-leite-vila-sapo-de-jose-falero/>. Acesso em: 10 jun. 2020.

MARTINS, Geovani. **O sol na cabeça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MUNANGA, Kabengele. Algumas considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p. 46-57, 2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13482>. Acesso em 03 set. 2020.

OLIVEIRA, Rejane P. de. Literatura marginal: questionamentos à teoria literária. **Ipotesi**, Juiz de Fora/MG, v. 15, n. 2 - especial, p. 31-39, 2011.

OLIVEIRA, Luiz Henrique S. de; RODRIGUES, Fabiane Cristine. Panorama editorial da

literatura afro-brasileira através gêneros romance e conto. **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 22, n. 3, p. 90-107, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/11269>. Acesso em: 09 jul. 2020.

SANSEVERINO, Antônio Marcos V. A emancipação do conto moderno: considerações acerca do narrador de Walter Benjamin. In: CAIMI, Claudia Luiza; OLIVEIRA, Rejane Pivetta de (Org.). **Sobre alguns temas em Walter Benjamin**. Porto Alegre: Editora UniRitter, 2015, p. 165-187.

VALENTE, Leonardo. Os neogolpes e as interrupções de mandatos presidenciais na América Latina: os casos de Honduras, Paraguai e Brasil. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 49, n. 1, p. 55-97, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/11747>. Acesso em: 07 jun. 2020.

VARGAS, João Costa. Por uma mudança de paradigma: antinegitude e antagonismo estrutural. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 48, n. 2, p. 83-105, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/19495>. Acesso em: 15 jun. 2020.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

RODRIGUES, T. M. O jogo racial: anúncios e denúncias da crise nos contos de Conceição Evaristo, Geovani Martins e José Falero. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, v. 7, n. 2, p. 25-36, 2020.